

LEWIS CARROLL

A L I C E N O P A Í S D A S M A R A V I L H A S

ILUSTRAÇÃO

TIAGO ALBUQUERQUE E ADRIANO LAMEIRA

TRADUÇÃO

MARIA FILOMENA DUARTE

  
casadasletras



# ÍNDICE

I	<i>Na Toca do Coelho</i>	7
II	<i>A Poça das Lágrimas</i>	17
III	<i>Uma Maratona Eleitoral e Uma Longa História</i>	25
IV	<i>O Coelho Manda Um Pequeno Lagarto</i>	33
V	<i>Conselhos de Uma Lagarta</i>	45
VI	<i>O Porco e a Pimenta</i>	55
VII	<i>Um Lanche Maluco</i>	65
VIII	<i>O Campo de Croquet da Rainha</i>	75
IX	<i>A História da Falsa Tartaruga</i>	87
X	<i>A Dança das Lagostas</i>	97
XI	<i>Quem Roubou as Tortas?</i>	105
XII	<i>O Depoimento de Alice</i>	115
	Uma Saudação Pascal	125
	Saudações de Natal	127
	Apêndice	129



# I

## NA TOCA DO COELHO

Alice começava a sentir-se muito cansada por estar sentada no banco, ao lado da irmã, e por não ter nada que fazer. Mais do que uma vez espreitara para o livro que a irmã estava a ler, mas este não tinha gravuras nem conversas... «E para que serve um livro que não tem gravuras nem conversas?», pensou Alice.

Tentava chegar à conclusão (com grande esforço, pois o dia quente fazia-a sentir-se muito sonolenta e estúpida) se o prazer de fazer um colar de margaridas a compensaria da maçada de ter de levantar-se e colher as flores, quando, de súbito, um Coelho Branco de olhos rosados passou por ela, a correr.

Não havia nisso nada de muito especial. Nem tão-pouco Alice estranhou ouvir o Coelho dizer para si próprio: «Meu Deus! Meu Deus! Vou chegar tão atrasado!» (Mais tarde, quando pensou nisso, ocorreu-lhe que deveria ter-se admirado, mas naquela altura tudo lhe pareceu muito natural.) Mas, no preciso momento em que o Coelho *tirou um relógio do bolso do colete*, olhou para ele e começou a correr mais depressa. Alice pôs-se em pé de um pulo, pois lembrou-se que nunca vira um coelho de colete nem de relógio. Ardendo de curiosidade, começou a correr: pelo campo, atrás dele, felizmente mesmo a tempo de o ver desaparecer no interior de uma grande toca que havia debaixo da sebe.

No mesmo instante, Alice desceu atrás dele, sem pensar sequer como poderia voltar a sair.



Lá dentro, a princípio, o caminho era a direito, como um túnel, mas depois, de repente, havia uma descida tão pronunciada que Alice nem teve tempo de pensar em parar senão quando deu consigo a cair num poço muito fundo.

Ou o poço era muito fundo ou ela caiu muito devagar, pois teve ocasião de olhar à sua volta e interrogar-se sobre o que iria passar-se a seguir. Em primeiro lugar, tentou lobrigar qualquer coisa lá em baixo e perceber para onde ia, mas estava demasiado escuro; depois, olhou para as paredes do poço e verificou que estavam cheias de armários e de prateleiras: aqui e ali havia mapas e desenhos presos por pequenas estacas. Ao passar, retirou um frasco de uma das prateleiras. Lia-se no rótulo «Doce de laranja», mas, muito dececionada, Alice viu que ele estava vazio. Não queria deixar cair o frasco com medo de matar alguém e, ao passar por um dos armários, conseguiu enfiá-lo lá dentro.

«Bem», pensou Alice, «depois de uma queda como esta, nunca mais terei medo de cair pelas escadas! Como me acharão corajosa, lá em casa! Ora, não lhes contaria nada, mesmo que caísse do telhado!» (O que provavelmente era verdade.)

Para baixo, cada vez mais para baixo. Nunca mais chega o fundo!

– Que distância terei já percorrido? – perguntou Alice, desta vez em voz alta. – Devo estar a aproximar-me do centro da Terra. Ora vejamos, já devo ter descido umas quatro mil milhas, suponho... – (pois Alice aprendera algumas coisas deste género na escola, e, embora esta oportunidade não fosse a melhor para exhibir os seus conhecimentos, uma vez que ninguém estava a ouvi-la, sempre ia praticando ao repetir) – ... sim, deve ser mais ou menos isso... Mas qual a latitude e a longitude a que estarei? – (Alice não fazia a mais pequena ideia do que era a latitude ou a longitude, mas achava que eram palavras bonitas e grandiosas.)

Pouco depois, recomeçou:

– Quem me dera saber se estou mesmo a atravessar a Terra! Como seria divertido ver pessoas a andarem de cabeça para baixo! Os antípodas, creio que é assim que se diz... – (desta vez ficou muito contente por não estar ninguém a ouvi-la, pois a palavra não lhe soou bem) –

... mas terei de perguntar-lhes como se chama o país. Por favor, minha senhora, estamos na Nova Zelândia ou na Austrália? – (E tentou fazer uma vénia

enquanto falava, tanto quanto é possível fazer uma vénia quando vamos a cair no ar! Achem que é possível?) – E como pensará que sou ignorante por fazer esta pergunta! Não, perguntar não dá resultado... Talvez veja o nome escrito em qualquer lado.

Para baixo, cada vez mais para baixo. Como não havia mais nada para fazer, Alice começou de novo a falar:

– Aposto que Dinah irá sentir muito a minha falta, esta noite! – (Dinah era a gata.) – Espero que não se esqueçam de lhe dar o seu prato de leite, à hora do lanche. Minha querida Dinah! Quem me dera que estivesse aqui comigo! No ar não há ratos, infelizmente, mas podias caçar um morcego, que é muito parecido com um rato, sabes? Será que os gatos comem morcegos?

Nesta altura, Alice começou a sentir-se bastante sonolenta e continuou a falar sozinha, como se estivesse numa espécie de sonho:

– Os gatos comem morcegos? Os gatos comem morcegos?

E às vezes:

– Os morcegos comem gatos?

Como as suas perguntas não obtinham resposta, não interessava o modo como as fazia. Sentia que estava a dormir, e começara a sonhar que caminhava com Dinah pela mão e que lhe perguntava com um ar sério:

«Dinah, diz-me a verdade: Já alguma vez comeste um morcego?», quando, de repente... Pum, catrapus! Caiu num monte de ramos e de folhas secas e ali ficou.

Alice não sofreu uma única beliscadura e pôs-se em pé no mesmo instante. Olhou à sua volta mas estava escuro. Na sua frente havia outro longo corredor onde se via o Coelho Branco, sempre a correr. Não havia um momento a perder: rápida como o vento, Alice foi no seu encaicho, mesmo a tempo de o ouvir dizer, ao dobrar uma esquina:

– Ai, os meus bigodes e as minhas orelhas! Está a fazer-se tão tarde!

Alice estava quase a alcançá-lo, mas quando dobrou a esquina não havia traços do Coelho. Deu consigo num átrio baixo e comprido, iluminado por uma fila de lâmpadas suspensas do teto.

À volta do átrio havia uma série de portas, mas estavam todas fechadas





à chave. E quando Alice acabou de percorrer o trio, de um lado ao outro, tentando todas as portas, encaminhou-se tristemente para o centro, sem saber como conseguiria voltar a sair dali.

De repente, deparou-se com uma pequena mesa de três pés, toda de vidro sólido; não tinha nada em cima, exceto uma minúscula chave dourada, e o primeiro pensamento de Alice foi que ela poderia pertencer a uma das portas. Mas – que pena! – ou as fechaduras eram demasiado grandes ou a chave era demasiado pequena, mas de qualquer modo não servia para abrir nenhuma delas. No entanto, numa segunda volta, reparou numa cortina baixa que não vira antes, por detrás da qual havia uma pequena porta com cerca de trinta centímetros de altura. Alice tentou enfiar a pequena chave dourada na fechadura e ficou deliciada ao ver que ela servia ali!

Abriu a porta e descobriu que esta dava acesso a um pequeno corredor, não muito maior do que a toca de um rato. Ajoelhou-se e, ao espreitar pelo corredor, viu do outro lado o mais encantador dos jardins. Como ansiava por sair daquele átrio escuro e passear por entre aqueles canteiros de flores de cores vivas e aquelas fontes de água fresca!... Mas nem sequer a cabeça lhe cabia no buraco. «E mesmo que coubesse», pensava a pobre Alice, «de que serviria sem os ombros? Oh, como eu gostava de poder fechar-me como um telescópio! Acho que poderia, se soubesse como começar!» Na verdade, tantas coisas extraordinárias se tinham passado recentemente que Alice começava a convencer-se de que poucas seriam as impossíveis de realizar.

Tudo indicava que não valia a pena ficar à espera junto da pequena porta, por isso, Alice voltou para a mesa, na esperança de encontrar ali outra chave ou um livro de instruções para ensinar as pessoas a fecharem-se como se fossem telescópios, mas desta vez o que achou foi uma pequena garrafa («que decerto não estava ali antes», pensou) que, à roda do gargalo, tinha um rótulo de papel, onde podia ler-se em letras grandes e maravilhosamente impressas: «BEBE-ME».

Tudo isso estava muito certo, mas a pequena Alice, que era ajuizada, não ia beber aquilo *assim* à pressa.

– Não, primeiro tenho que ver do que se trata e verificar se é *veneno*, ou não – disse.





Alice já lera várias historiazinhas sobre crianças que se haviam queimado, que tinham sido comidas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, apenas porque não se tinham lembrado dos conselhos simples que os amigos lhes haviam dado, tais como: que nos queimamos se segurarmos numa tenaz incandescente durante muito tempo, ou que se fazemos um corte profundo num dedo, com uma faca, geralmente sangramos. Além disso, ela nunca esquecerá que, se bebemos o conteúdo de uma garrafa que diz «Veneno», é quase certo que vimos a sofrer com isso, mais tarde ou mais cedo.

No entanto, esta garrafa não dizia «Veneno», por isso Alice aventurou-se a provar o que lá estava dentro, e achando o conteúdo muito agradável (na verdade, tinha um gosto que era uma mistura de tarte de cerejas, creme, ananás, peru assado, caramelo e torrada com manteiga) bebeu-o de um trago.

– Que sensação estranha! – disse Alice. – Devo estar a fechar-me como se fosse um telescópio.

E, na verdade, assim era: não tinha agora mais do que vinte e cinco centímetros de altura, e o rosto iluminou-se-lhe ao pensar que estava do tamanho adequado para transpor a pequena porta e encaminhar-se para aquele jardim encantador. No entanto, em primeiro lugar, esperou um pouco para ver se iria encolher ainda mais. Este pensamento deixou-a um tanto nervosa, «pois posso acabar por desaparecer completamente, como se fosse uma vela», pensou Alice, «e como ficaria eu depois?». E tentou imaginar o que acontece à chama de uma vela quando esta se apaga, pois não se lembrava de alguma vez ter reparado nisso.

Pouco depois, ao ver que não acontecia mais nada, resolveu dirigir-se para o jardim, mas – que desgraça! – quando chegou à porta, verificou que se esquecerá da pequena chave dourada e, ao aproximar-se da mesa, descobriu que não chegava lá acima. Via-a claramente através do tampo de vidro e tentou tudo para preparar por uma das pernas da mesa, mas a superfície desta era demasiado escorregadia. Quando se cansou de tentar, a pobre menina sentou-se no chão a chorar.

«Anda, não vale a pena estares a chorar assim!», disse Alice com os seus botões, tentando ser corajosa. «Para imediatamente!» Em geral, dava muito bons conselhos a si própria (embora raramente os seguisse) e, por vezes, recriminava-se

severamente por as lágrimas lhe virem aos olhos. E lembrava-se de uma vez ter puxado as próprias orelhas por se ter aborrecido durante uma partida de *croquet* que jogava consigo mesma, pois esta criança singular gostava muito de fingir que era duas pessoas ao mesmo tempo. «Mas agora não me serve de nada fingir que sou duas pessoas!», pensou a pobre Alice. «Estou tão pequena que mal chego a ser uma pessoa respeitável!»

Pouco depois, os olhos caíram-lhe numa caixinha de vidro que estava debaixo da mesa. Abriu-a e viu que tinha dentro um bolo minúsculo, no qual se liam as palavras

«COME-ME», lindamente desenhadas com corintos.

– Bem, vou comê-lo – disse Alice – e se ele me fizer

crescer, poderei alcançar a chave. Se ele me fizer encolher, poderei passar por debaixo da porta. De qualquer maneira conseguirei chegar ao jardim e não me interessa o que possa acontecer!

Deu uma pequena dentada e interrogou-se ansiosa:

«O que irá acontecer? O que irá acontecer?», com a mão na testa. Ficou bastante admirada ao verificar que continuava do mesmo tamanho – para dizer a verdade, é costume isto acontecer quando comemos bolos, mas Alice já estava tão habituada a esperar que sucedessem coisas extraordinárias que a vida lhe parecia monótona e estúpida se tudo decorresse com normalidade.

Por isso, deitou-se ao trabalho e pouco depois acabava de comer o bolo.